

Robert Vannoy, História do Antigo Testamento, Aula 16

A narrativa do dilúvio (Gênesis 6-9) e os paralelos mesopotâmicos

1.

Semelhanças com as histórias do dilúvio na Babilônia

Entre o relato da Mesopotâmia e o registro bíblico do dilúvio notamos que a estrutura geral de ambas as histórias é a mesma, mas há diferenças nos detalhes. Eu queria apenas ilustrar isso um pouco mais. Percebemos que ambos foram instruídos a construir um grande navio, mas suas dimensões são diferentes e tenho apenas mais algumas ilustrações para dar uma ideia de como isso funciona. No que diz respeito aos ocupantes da arca, ambas as histórias dizem que o herói e sua família, bem como animais e pássaros, são libertados da destruição por meio de um navio. Mas quando você volta aos detalhes, há diferenças, como já notamos aqui, os nomes são bastante diferentes no que diz respeito à figura principal, Zuisudra, Utnapishtim, Atrahasis e depois Noé no relato bíblico e parece não haver nenhuma conexão etimológica entre o nome Noah e esses outros nomes. Além disso, no relato bíblico há um número menor de pessoas salvas no navio. Noah estava acompanhado por sua esposa e três filhos e suas esposas. No épico de Gilgamesh, Utnapishtim falou e eu extraio do texto toda a sua família e parentes a bordo do navio, bem como todos os artesãos e barqueiros. Portanto, temos toda a sua família e parentes e todos os artesãos e um barqueiro cujos nomes foram dados, de modo que parece ser um número substancial de pessoas. No épico Atrahasis, o herói trouxe sua família, seus parentes e os artesãos a bordo do navio. Na versão suméria, Zuisudra levou a bordo seus parentes, esposa, filhos e amigos próximos. Então parece que o relato bíblico é mais restrito a um pequeno número de pessoas, então novamente há uma diferença de detalhes.

O incidente com as aves é mais uma ilustração em que as aves foram soltas para determinar se as condições eram adequadas para deixar a arca. Tanto as histórias da Mesopotâmia como a da Bíblia têm isso, mas novamente há diferenças nos detalhes. Na história babilônica há três solturas de pássaros e na história bíblica há quatro. Diz-se que

Utnapishtim e Noah soltaram um único pássaro de cada vez, enquanto Zuisudra solta um número de cada vez. Diz-se que Utnapishtim soltou uma pomba, uma andorinha e um corvo nessa ordem. Enquanto se diz que Noé soltou um corvo e três pombas. Observe o contraste aí: Noé soltou o corvo primeiro e Utnapishtim soltou o corvo por último. Em um livro que acho que ainda não mencionei, mas está na sua bibliografia, Alexander Hiedel, que escreveu o volume que comparou a história da criação da Babilônia com as histórias bíblicas da criação, também escreveu um livro chamado *The Gilgamesh Epic and Old Testament Parallels*, que é um bom estudo do relato bíblico comparado com o relato babilônico. Acredito que esteja na página dez da sua bibliografia, ao lado da última entrada de este incidente específico. O título diz que há um erro de lógica por parte de Utnapishtim, visto que o corvo é uma ave mais vigorosa, a progressão lógica teria sido a utilizada por Noé; o pássaro mais vigoroso primeiro as pombas depois, enquanto Utnapishtim o faz virar.

Explicação dos paralelos Em qualquer caso, existem diferenças nos detalhes, então chegamos a esta questão com a qual encerramos a última aula: o que dizemos sobre a relação entre a história babilônica e a bíblica? Como explicamos as semelhanças e as diferenças? Acho que temos três respostas para essa pergunta e irei mencioná-las e discuti-las brevemente. Primeiro, o relato mesopotâmico é derivado de um relato proto-semítico/bíblico. Novamente discutirei o que quero dizer sobre isso em um minuto. Em segundo lugar, o relato bíblico deriva do relato mesopotâmico, invertendo-o. Terceiro, ambos remontam a uma fonte original comum.

a. O relato mesopotâmico foi emprestado de um relato proto-semítico/bíblico

Primeiro, o relato mesopotâmico foi emprestado de um relato proto-semítico/bíblico. Parece bastante claro que os relatos mesopotâmicos já existiam por volta de 2.000 a.C. Não há muita controvérsia sobre a versão babilônica que remonta a cerca de 2.000 a.C. Enquanto o relato bíblico seria de cerca de 1.200-1.400 a.C.

associado a Moisés e seus escritos do Pentateuco. A datação relativa sugere, com o texto existente, que o relato mesopotâmico é anterior. Agora, é por essa razão que muitos disseram que o relato bíblico deriva do relato mesopotâmico. No entanto, em sua bibliografia, você notará uma entrada na parte inferior da página dez, a terceira a partir da parte inferior, em *The Origin of Biblical Traditions, de Clay*, editora da Universidade de Yale, 1923. Nesse volume, Clay faz esta declaração nas páginas 165 e 166. Ele diz o argumento que alega que a história se originou nos sumérios porque a versão mais antiga dela foi encontrada na língua suméria não é mais definitiva do que seria dizer que a obra de Shakespeare tem origem alemã porque uma cópia dela escrita em língua alemã foi encontrada Em Berlim. Veja, suponha que daqui a 2.000 anos as pessoas estivessem escavando nossa civilização e encontrassem uma cópia de Shakespeare escrita em alemão, que é a mais antiga cópia existente de Shakespeare. Isso não prova muita coisa. Acontece que essa é a versão mais antiga que você tem dessa história. Clay propõe que o Épico de Gilgamesh foi originalmente escrito em uma lenda amorreia que se tornou acadianizada por volta de 2.000 aC. Agora, os amorreus eram povos semitas que viviam a oeste da Mesopotâmia. Ele sente que toda essa história foi trazida para a Mesopotâmia e acadianizada por volta de 2.000 aC. Ele disse que é uma lenda amorreia que os semitas trouxeram do oeste. Agora, esta é a proposta de Clay, mas se você pensou que o relato proto-semítico aqui está na Suméria e esse mesmo relato proto-semítico descendo para o relato bíblico, pode ser que desse relato você obtenha esta versão acadianizada. Como uma ruptura do relato proto-semítico na tradição se resume à forma que temos o relato bíblico e isso quer dizer que o acadiano é derivado do relato proto-semítico/bíblico. Só porque você tem um documento anterior que é acadiano desta história, isso não significa necessariamente que o relato bíblico seja derivado do relato mesopotâmico. Ele faz a declaração com base em nomes e palavras amorreus que ele acha que devem ser discernidos na Epopeia de Gilgamesh e que entra na discussão linguística, mas ele sente que há evidências de que foi acadianizado e era originalmente amorreu.

b. Os hebreus emprestaram seu relato da Mesopotâmia

O segundo ponto de vista, claro, é especulativo. Realmente não temos nenhuma evidência concreta do relato proto-semita. Certamente não temos um tablet ou documento, então isso é um tanto teórico. A segunda ideia é que os hebreus tomaram emprestado o seu relato dos mesopotâmicos. Então aqui você deveria ter esse relato mesopotâmico ou relato acadiano e os hebreus o pegaram emprestado, então você tem o relato bíblico derivado do relato mesopotâmico. Claro, você poderia fazer a pergunta: se foi assim que aconteceu, alguma vez houve realmente um dilúvio do tipo que descrevemos no relato bíblico ou este é o relato mesopotâmico? O que está por trás disso é difícil de dizer. Não parece o mesmo tipo de dilúvio que ocorre na história bíblica. No entanto, o esqueleto disso é. Hiedel comenta esta proposta e faz a afirmação na página 268, “como no caso da história da Criação ainda não sabemos como as heranças bíblica e babilônica do dilúvio estão historicamente relacionadas. A evidência disponível não prova nada além de que existe uma relação genética entre Gênesis e as versões babilônicas. O esqueleto é o mesmo em ambos os casos, mas a carne e o sangue e, sobretudo, os detalhes e o espírito são diferentes. É aqui que encontramos as divergências mais profundas entre as histórias hebraica e mesopotâmica.” Não tenho certeza se esse tipo de estrutura fornece explicação suficiente sobre o porquê das diferenças. Mas se o material bíblico foi simplesmente emprestado do mesopotâmico, por que as diferenças na medida em que você as encontra?

c. Análise de Von Rad: ambos independentes com uma fonte comum

No comentário de von Rad sobre Gênesis, von Rad é alguém em muitos pontos que discordaríamos de suas conclusões, mas ele diz na página 119, acho que está no topo da página 11 de sua bibliografia, “Hoje, quarenta anos após o auge da controvérsia Babel/Bíblia sobre a relação das tradições bíblicas das histórias babilônicas, como na Epopéia de Gilgamesh, está mais ou menos encerrada. É claro que existe uma relação material entre ambas as versões, mas não se presume mais que seja uma dependência

direta da tradição bíblica da babilônica. Ele sente que há muita diferença. Você não pode assumir uma dependência direta do material bíblico em relação à Babilônia. O que ele substitui é uma versão mais refinada disso. Ele diz que ambas as versões são arranjos independentes de uma tradição ainda mais antiga que talvez provém da Suméria.

Agora, isso soa como um arranjo independente de uma tradição mais antiga, mas depois ele prossegue dizendo que Israel encontrou uma tradição do dilúvio em Canaã na época da sua imigração e assimilou-a nas suas ideias religiosas. Isso é pura hipótese sem nenhuma evidência. Ele apenas faz isso como uma declaração. “Israel conheceu uma tradição do dilúvio em Canaã na época de sua imigração e assimilou-a em suas ideias religiosas.” Não há uma história do dilúvio cananeu, então ele está tentando explicar as semelhanças supondo que deve ter havido uma que os hebreus adotaram. Mas a outra sugestão que você sabe que ele risca não é a dependência direta, mas ele sente que eles podem voltar a uma fonte comum em algum lugar. É razoável, pergunto-me novamente, que fonte comum? Não temos muitas evidências disso. É apenas algo sobre o qual não podemos falar diretamente. Quanto aos aspectos naturais e históricos do dilúvio, para além da teologia, ele diz que não está confiante em expressar uma opinião independente. Pode-se dizer, no entanto, que mesmo os cientistas naturais não consideraram suficiente a explicação predominante de que as numerosas histórias de inundações no mundo surgiram a partir de catástrofes locais. Por um lado, a distribuição da saga entre os índios, persas, africanos, australianos, entre os esquimós e índios das Américas etc. Por outro lado, a notável uniformidade nas enchentes causadas pelas chuvas exigiu a assunção de que a experiência cósmica real é uma lembrança primitiva que, certamente, é muitas vezes obscurecida e muitas vezes trazida para uma nova vida e só é revisada mais tarde pelas inundações locais. O que ele está a dizer é que a extensão da distribuição das histórias de cheias por todas estas nacionalidades e povos locais, bem como a uniformidade das histórias, sugere que deve ter havido algum tipo de experiência cósmica real que está por detrás de tudo isto.

d. Fonte Comum de Ocorrência Nacional Agora, a terceira das três possibilidades é uma fonte comum de ocorrência nacional. Aí você diz que houve um dilúvio e a tradição disso remonta à Mesopotâmia e a outra tradição se resume a materiais bíblicos. Além disso, há lembranças suficientes do que realmente aconteceu para explicar as semelhanças e houve desvios suficientes de transmissões para explicar as diferenças. Ambos remontam independentemente a uma ocorrência real que é certamente uma possibilidade. Von Rad sugere que deve ter havido algo por trás desta tradição para explicar este uso generalizado e penso que muitas vezes as pessoas conservadoras apontaram para as histórias de inundação de carácter generalizado e uniforme para defender a historicidade. Há alguma força nesse argumento, mas você tem que ter cuidado com ele e a razão pela qual digo isso é esta. Se você olhar sua bibliografia na última entrada, página dez, *Visão Cristã da Antropologia e Ciência Moderna e Fé Cristã*, página 187, eles falam da ampla distribuição da história do dilúvio e dizem que isso foi pensado para provar a realidade do dilúvio bíblico ou para ser evidência da descendência de toda a humanidade de uma única nação que já a experimentou. Mas, ao comentar esta ideia, os antropólogos dizem que é muito mais frequente que histórias deste tipo se fundam sem migração e podem fundir-se através das linhas linguísticas culturais. Eles ressaltam que existem outras lendas difundidas que são surpreendentemente uniformes além da história do dilúvio. Um desses casos é o voo mágico ou voo de obstáculos, que é distribuído completamente ao redor do globo entre os povos aborígenes e históricos, particularmente na Europa, Ásia, América do Norte, África e Indonésia. Neste conto há uma estrutura específica com a fuga de um ogro e objetos jogados para trás por cima do ombro formando obstáculos. Exemplos são uma pedra que se torna uma montanha, um cone que se torna um matagal e um óleo que se torna um corpo de água. Os detalhes são sempre fornecidos com apenas pequenas alterações, como uma floresta para um matagal e algum outro líquido para o óleo. Depois, há a afirmação de que esta história é antiga, difundida e uniforme. A multiplicidade de temas do dilúvio também é antigamente difundida, mas não tão uniforme. Em geral, os antropólogos sentem que a distribuição

generalizada e geograficamente contínua tanto do voo mágico como dos vários relatos de inundações se deve à transmissão da história de um grupo para outro, espalhando-se lentamente a partir dos centros de origem. A prevalência universal das lendas do dilúvio não pode ser considerada prova da realidade real do dilúvio ou de que todas as pessoas que têm relatos de dilúvios mais semelhantes aos relatos bíblicos os transmitiram através das suas gerações para fins de tempo e memória. Se for assim, há uma prova mais forte da ocorrência do voo mágico, então você deve ter cuidado ao usar esse argumento. As histórias podem ter um evento no qual a história chega e então se ramifica e continua a se ramificar até que você tenha algo fantástico assim. O que eles estão dizendo é que uma história poderia começar aqui e ser transmitida desta forma e não é necessariamente uma prova de historicidade só porque muitas pessoas a possuem. Pode cruzar fronteiras linguísticas, étnicas e culturais por difusão. Alguém pega e leva para outras pessoas, alguém aí leva para outro lugar e isso não necessariamente comprova historicidade.

O que acho surpreendente nas histórias de inundações é que tantas pessoas a sofrem e são geralmente uniformes e generalizadas. Isso pode dizer algo sobre o que von Rad disse sobre a historicidade, mas não creio que se possa usar isso como qualquer tipo de prova de historicidade. Alguma pergunta ou comentário? Acredito que haja alguns dos índios. Eles diferem novamente em detalhes, mas estão mais próximos. Acredito que as geologias das inundações estão além do escopo deste curso. Não creio que isso seja um problema bíblico. Eu acho que é uma questão científica, mas eu lhe dei uma série de outras fontes de livros e ambos os lados, se você quiser ler algum desse material que está no meio da página dez, B1.

6. Condições que Governam o Mundo Pós-Deluviano a. As Direções para a Propagação e Manutenção da Vida Humana e Animal Ok, vamos para o ponto 6. 6. é: “Condições que governam o mundo pós-diluviano”. Encontramos isso no capítulo nove, nos primeiros dezessete versículos. Quero apresentar alguns subpontos que não estavam em sua folha de resumo. Então um. abaixo de 6 é, “As instruções para a propagação e manutenção da

vida humana e animal” nos primeiros sete versículos. “Então Deus abençoou Noé e seus filhos, dizendo-lhes: 'Sede fecundos e aumentai em número e enchei a terra.

O medo e o pavor de vocês cairão sobre todos os animais da terra e todas as aves do céu, sobre todas as criaturas que se movem pela terra e sobre todos os peixes do mar; eles são entregues em suas mãos. Tudo o que vive e se move será alimento para você. Assim como te dei as plantas verdes, agora te dou tudo. Mas você não deve comer carne que ainda contenha sua força vital. E para sua força vital certamente exigirei uma prestação de contas. Exigirei uma prestação de contas de cada animal. E também de cada homem exigirei uma prestação de contas pela vida de seu próximo. Quem derramar o sangue do homem, pelo homem será derramado o seu sangue; pois à imagem de Deus Deus fez o homem. Quanto a vocês, sejam frutíferos e aumentem em número; multipliquem-se na terra e aumentem sobre ela.”

Então você tem orientações para a propagação e manutenção da vida humana e animal. Você percebe primeiro que Noé foi instruído a ser frutífero, multiplicar-se e encher a terra. Para que não haja dúvidas sobre isso. O Senhor repete o que disse a Adão e Eva. É agradável ao Senhor que o homem seja frutífero e se multiplique, embora ele tenha trazido este julgamento sobre a humanidade. Agora cabia a Noé e sua família encher a Terra.

b. O domínio do homem sobre os animais é reconfirmado Em segundo lugar, o domínio do homem sobre os animais é reconfirmado. Esse domínio foi devolvido em Gênesis 1:28 novamente na condição pré-queda é reconfirmado. Aqui é dito que os animais são contidos pelo medo do homem. Além disso, esta afirmação é explícita que os animais podem ser consumidos pelo homem. Versículo 3: “Todo ser vivente que se move será para vós alimento, assim como a erva verde vos dei todas as coisas.” Se você voltar a 1:28, há domínio sobre os animais e em Gênesis 3:21 o Senhor faz túnicas de pele dos animais. Em Gênesis 4:4 você lê que Abel trouxe dos primogênitos de seu rebanho e o fato de o Senhor ter respeitado Abel suas ofertas. Portanto, há indicações anteriores de

que a vida dos animais foi tirada para o serviço do homem, pode-se dizer, para a realização de sacrifícios. A outra questão: o homem comia animais antes da época de Noé? Não há nenhuma declaração explícita sobre isso nas Escrituras, de uma forma ou de outra. Algumas pessoas afirmam que apenas vegetais eram consumidos antes dessa época. Não tenho certeza se você pode dizer isso dogmaticamente, você está realmente argumentando a partir do silêncio. A questão realmente não foi abordada. Calvino diz em seu comentário “já que é de pouca importância, o que eles querem dizer é 'Não afirmo nada sobre o assunto. ’”

Então a qualificação adicional está no versículo 4 “a carne e cuja vida está o sangue, não comereis”. Em outras palavras, os animais deveriam ser sangrados e o sangue deveria ser retirado do animal antes de comê-lo, de modo que então surge a questão de qual era o propósito daquela qualificação específica. Isso foi considerado kosher? Sim, isso faz parte. Novamente essa pergunta não é respondida no texto. Houve várias sugestões. No comentário de Wenham sobre Levítico, ele diz que o significado é ilusório porque há mais referências a isso no sangue em Levítico, mas ele diz que talvez seja para encorajar a reverência pela vida. A vida está no sangue e, além disso, é o sangue que expia o pecado. Portanto, é sagrado e não deve ser comido. Em outras palavras, pode haver aqui alguma antecipação das ordenanças que mais tarde governarão o sacrifício de sangue e mostrarão a importância do sangue nesta época tão antiga. Novamente, isso é um tanto especulativo, mas os animais são dados ao homem como alimento, embora eles não devam usá-los ou comê-los com o sangue. Em outras palavras, eles devem ser sangrados, e não apenas estrangulados e comidos.

3. Devem ser fecundos e multiplicar e sacralidade da vida humana

A terceira coisa que você descobre é que eles devem ser frutíferos. Eles devem ter domínio sobre os animais e os animais podem ser comidos. A terceira coisa é que a vida do homem é sagrada porque Deus protege a vida do homem com a pena de morte para qualquer um que viole a vida de outra pessoa. Versículo 6, “quem derramar o sangue do

homem, pelo homem, o seu sangue será derramado, porque à imagem de Deus se fez o homem”. Acho que o que você encontra lá é um princípio importante. É a ordenança divina para a pena de morte. Se alguém tira a vida de outra pessoa, a vida da pessoa que faz isso deve ser tirada. Isto ocorre porque o homem foi feito à imagem de Deus e a vida do homem é sagrada e não deve ser violada. Aos homens é dado este poder de tirar a vida de outro homem; se ele cometer uma ofensa capital, como representantes de Deus, eles devem decretar essa punição. Agora, isso não significa que encontraremos isso em abundância naquele livro. Isso não significa que deva seguir em todos os casos o desenvolvimento da Lei Mosaica, porque quando você chega a Números 35, descobre que existem cidades de refúgio para mortes acidentais, distintas do assassinato premeditado. Portanto, essa distinção é feita e não irei ler esse capítulo, mas a pena de morte é uma ordenança divina dada para proteger a vida do homem. Este ainda é um assunto muito debatido.

Deus deu esses animais ao homem para sustento e vida com a restrição de não comer o sangue. Bem, parece-me que isso está relacionado com Levítico 17:11, acredito que seja Levítico 17:11, “pois a vida da carne está no sangue que eu dei a vocês sobre o altar para fazer expiação por suas almas por é o sangue para fazer expiação pelas almas”. Parece-me que o significado disso está relacionado com a legislação adicional sobre o sistema sacrificial e parece-me que o sistema sacrificial é abandonado quando se chega ao Novo Testamento. Você tem todos os regulamentos relativos a isso, bem como todos os que se preocupam com limpeza e impureza. O Senhor disse a Pedro para não considerar nada impuro. Tudo isso parecia acabar quando chega aquele que realmente cumpriu o que estava apontando. Portanto, eu não diria que essa disposição continua além do período em que as leis rituais estiveram em vigor. Agora acho que se poderia argumentar que isto não é Mosaico. Parece que está mais próximo do caminho no que diz respeito ao sistema sacrificial.

Ok, no que diz respeito à pena de morte ou mesmo além da pena de morte, o direito ou a falta de direito do homem em posições de autoridade governamental de usar

o poder da espada parece-me claramente afirmado por Paulo em Romanos 13. Quando você começa em toda a questão do pacifismo e se é ou não certo tirar a vida de outra pessoa. O que você leu em Romanos 13 é que toda alma deveria estar sujeita ao poder superior. Versículo 2, “quem resistiu ao poder resistiu à ordenação de Deus”. Versículo 3, “pois os governantes não são terror das boas obras, mas das más”. Versículo 4, “porque ele é o ministro de Deus para o bem, mas se você fizer o mal, tenha medo, pois ele não desembainha a espada em vão, pois ele é o ministro de Deus e o vingador para executar a ira sobre aquele que pratica o mal.” Parece ser uma forte sanção ao direito do governo de deter o poder da espada e acho que a mesma questão foi abordada aqui em Gênesis 9. Paulo não parece negar esse poder, ele parece apoiá-lo. Deus deu aos governos humanos o direito. Esse direito pode ser mal utilizado e abusado e muitos governos fizeram isso, mas isso não significa que o princípio seja negado.

2. A Aliança Noéica que você encontra em Gênesis 9:8-17

Bem, isso foi um. “As orientações para a propagação e manutenção da vida humana e animal.” b. é: “A aliança de Noé que você encontra em Gênesis 9:8 a 17”. Deus falou a Noé e a seus filhos dizendo: “Agora estabeleço a minha aliança com vocês e com os seus descendentes depois de vocês e com todos os seres vivos que estiveram com vocês: as aves, o gado e todos os animais selvagens, todos aqueles que saíram da arca com você - toda criatura vivente na terra. Estabeleço minha aliança com vocês: nunca mais toda a vida será destruída pelas águas de um dilúvio; nunca mais haverá um dilúvio para destruir a terra.’ E Deus disse: ‘Este é o sinal da aliança que estou fazendo entre mim e vocês e todos os seres vivos que estão com vocês, uma aliança para todas as gerações vindouras: coloquei meu arco-íris nas nuvens, e ele será o sinal de a aliança entre mim e a terra. Sempre que eu trazer nuvens sobre a terra e o arco-íris aparecer nas nuvens, me lembrarei da minha aliança entre mim e você e todas as criaturas vivas de todos os tipos. Nunca mais as águas se tornarão uma inundação que destruirá toda a vida. Sempre que o arco-íris aparecer nas nuvens, eu o verei e me lembrarei da aliança eterna

entre Deus e todas as criaturas vivas de todos os tipos na terra.' Então Deus disse a Noé: 'Este é o sinal da aliança que estabeleci entre mim e toda a vida na terra.'" Portanto, nunca mais toda a carne será destruída por um dilúvio, o sinal é um arco-íris, não que o arco-íris tenha feito isso. não existia antes disso. Mas agora tem um significado especial e estamos inclinados a pensar que quando vemos um arco-íris nos lembramos da promessa que Deus fez, de que ele nunca mais destruiria a terra, o que é legítimo, mas você percebe no texto, versículo 15, "O Senhor diz: Eu me lembrarei de que acontecerá quando eu trazer uma nuvem sobre a terra, que um arco será visto nas nuvens e eu me lembrarei". Você chama isso de um tipo de expressão antropomórfica ou antropopática, onde Deus fala em termos humanos para se descrever, mas essa reverência é um lembrete de que Deus fez essa promessa. Acho que a ideia é que deste ponto em diante a Terra será preservada como a arena na qual o plano de redenção de Deus será executado e isso continuará até o julgamento final, até a consumação. Mas no período intermediário, nunca mais Deus fará o que fez neste momento ao trazer um dilúvio.

7. A Maldição sobre Canaã Ok, vamos para o capítulo 7, que é a última parte do capítulo 9, "A Maldição sobre Canaã". Os versículos 18 e 19 falam dos três filhos de Noé e imediatamente você tem essa história no versículo 20 até o final do capítulo. Então Deus disse a Noé: "Este é o sinal da aliança que estabeleci entre mim e toda a vida na terra.' Os filhos de Noé que saíram da arca foram Sem, Cão e Jafé. (Cão foi o pai de Canaã.) Estes foram os três filhos de Noé, e deles vieram as pessoas que foram espalhadas pela terra. Noé, um homem da terra, começou a plantar uma vinha. Depois de beber um pouco do vinho, ficou bêbado e ficou descoberto dentro da sua tenda. Cam, o pai de Canaã, viu a nudez de seu pai e contou aos seus dois irmãos que estavam lá fora. Mas Sem e Jafé pegaram uma roupa e a puseram sobre os ombros; então eles entraram de costas e cobriram a nudez do pai. Seus rostos estavam voltados para o outro lado para que não vissem a nudez do pai. Quando Noé acordou do vinho e descobriu o que seu filho mais novo havia feito com ele, ele disse: 'Maldito seja Canaã! O mais baixo dos escravos

ele será para seus irmãos.' Ele também disse: 'Bendito seja o Senhor, o Deus de Sem! Que Canaã seja escravo de Sem. Que Deus estenda o território de Jafé; que Jafé viva nas tendas de Sem, e que Canaã seja seu escravo.'”

a. Presunto e Escravidão Esta é uma das várias passagens bíblicas, mas é principalmente uma que tem sido frequentemente usada para apoiar tanto a escravidão quanto a segregação neste país. Há um volume que é mencionado na sua bibliografia no topo da página 11, segundo. JR Buswell III, “Escravidão, Segregação e Escritura”. Você pode estar familiarizado com a teologia de JR Buswell Junior. Este é o filho dele, que é antropólogo e escreveu este pequeno volume. Na página 16 ele diz: “A maioria dos defensores da escravidão, se consideravam o negro um ser humano, basearam todo o seu argumento bíblico na suposição confiante de que a raça negra deve ser identificada como descendentes do segundo filho de Noé, Cão. Assim, automaticamente, toda e qualquer menção a povos no Egito, na Etiópia e em outras terras ocupadas pela dispersão da descendência de Cam era presumida como se referindo aos negros, apesar do fato de que essas populações em tempos históricos eram não-negros. Os esforços a que os argumentos pró-escravidão foram levados para provar a associação das características dos negros com Ham, a fim de justificar a conclusão de que eles estavam sob a maldição de Noé, foram absolutamente fantásticos.” Ele discute isso com mais detalhes, mas vemos esta passagem onde diz: “Canaã, servo dos servos será para seus irmãos”. O texto tem sido frequentemente usado para defender a escravidão e a segregação.

b. Maldição sobre Canaã Agora, a questão é: existe alguma base para esse tipo de visão? Acho que a resposta é clara: “Não”. Mas vamos dar uma olhada na passagem. A história é introduzida no versículo 19 por referência aos três filhos de Noé. “Estes são os três filhos de Noé: Sem, Cão e Jafé. Cão é o pai de Canaã e deles foi toda a palavra.” O interessante é que a maldição é pronunciada depois que o incidente não ocorre em Ham. O incidente com Cão e Noé, a maldição está sobre Canaã no versículo 25. Não está sobre

Cão; Canaã é o quarto filho de Cão. Se você olhar o capítulo 10, versículo 6, você lê: “Os filhos de Cão foram Cush, Mizraim, Put e Canaã”. Então dos quatro filhos, Canaã é o quarto, não é necessariamente que eles vieram nessa ordem, mas é possível. Mas, em qualquer caso, a maldição recai sobre um dos filhos de Cão, Canaã. Não creio que devamos entender essa declaração de Noé como uma maldição, no sentido de apenas uma expressão de ira e raiva. Pelo contrário, é uma previsão. Acho que Noé aqui fala realmente pela revelação de toda a experiência porque ele está dando uma declaração profética sobre o que será e as linhas que fluem desses descendentes desses três filhos de Noé. Portanto, não é apenas uma expressão da má vontade de Noé. Ele não poderia saber por meios humanos as coisas de que fala nestes três versículos. São declarações marcantes, portanto são o desvelamento do que será.

A questão, claro, é: por que a maldição está sobre Canaã e não sobre Cão? O que Canaã fez como filho de Cão? É difícil responder. Não há nada que aborde a questão diretamente no texto. Acho que é razoável sugerir que pelo Espírito Santo Noé entendeu e viu a característica que foi expressa ali em Cão e o que ele fez seria perpetuado em Canaã, seu filho, e talvez até em maior grau. Além disso, é com Canaã, ou pelo menos com os descendentes de Canaã, que os israelitas terão grande contato mais tarde. Então talvez a resposta esteja na percepção de Noé pelo Espírito Santo de que a característica mostrada nele está presente em seu filho Canaã ainda mais fortemente. Se você olhar Levítico 18, encontrará um capítulo que lista muitas coisas sobre os cananeus. Se você olhar em Levítico 18:24 e depois diz: “Não vos contamineis com nenhuma destas coisas, porque em todas estas estão contaminadas as nações que eu expulso de diante de vós”. Em outras palavras, pelos habitantes da terra de Canaã, a terra é contaminada. “Portanto, visito a iniquidade que há sobre ele.” Versículo 27, “porque todas estas abominações fizeram os homens da terra que viveram antes de vós na terra contaminada”. Versículo 30, “portanto guardareis o meu decreto de que não cometereis nenhum destes costumes abomináveis que foram cometidos antes de vós e não vos contamineis, pois eu sou o Senhor vosso Deus”. Ora, um desses costumes abomináveis de toda a primeira parte do

capítulo fala de diversões sexuais abusivas e talvez a maldição recaia sobre Canaã porque Noé vê nos cananeus aquela tendência que até certo ponto se manifesta no pai, Cão.

Qual foi a ofensa de Ham? O que eu quero fazer neste momento, talvez eu faça outro comentário sobre esse texto, porque o que eu quero fazer é olhar para o conteúdo das maldições e bênçãos que são pronunciadas porque são significativas e têm aplicações de longo alcance. Mas deixe-me fazer outra pergunta e então pararemos por hoje. Qual foi a ofensa de Canaã ou a ofensa de Cão? Você lê “Cão, pai de Canaã, viu a nudez de seu pai e contou a seus dois irmãos que estavam lá fora. Sem e Jafé pegaram suas vestes e as colocaram sobre os ombros e, andando de costas, cobriram a nudez de seu pai. Assim, seus rostos estavam voltados para trás e não viram a nudez de seu pai”.

Agora, qual foi a ofensa de Ham, agora o que ele fez? Carlin Darix disse que foi uma demonstração de sensualidade desavergonhada, em contraste com a modéstia reverente dos irmãos Sem e Jafé. Parece que Ham sentiu prazer com a vergonha do pai. Ele queria expô-lo a seus irmãos. Certamente mostra desrespeito pelo pai e talvez um tipo perverso de natureza sensual por parte de Cam. Agora, parece-me que isso é tudo o que se pode dizer sobre o crime. Alguns tentam buscar mais e apontam para o versículo 24: “Noé acordou do vinho e soube o que seu filho mais novo lhe havia feito”. Eles enfatizam que algo deve ter sido feito e alguns sugerem que quando diz no versículo 22 Cão viu a nudez de seu pai, isso é um eufemismo “viu a nudez” para algum ato sexual desviante. Não creio que exista uma base realmente boa para concluir isso e dizer isso. É possível que você possa entender isso como um eufemismo e como uma figura e dizer que há mais do que dito literalmente. Então você tem que encaixar o versículo 23 com isso e o versículo 23 parece apenas pensar que é apenas uma questão de exposição do pai.

Terminarei nossa discussão com isso e então examinarei o conteúdo da maldição e da bênção na próxima vez.

Renarrado por Ted Hildebrandt